

Brasília amordaçada

29 ABR 1994

MARCUS VINICIUS JORNAL DE BRÁSILIA

Começa a tomar corpo um novo esporte nacional: dar porrada em Brasília. Depois que se descobriu uma quadrilha infiltrada no Congresso Nacional, a cidade passou à condição de conivente com a roubalheira que se promoveu nos dinheiros da União.

Pior: parece que todos nós fazemos parte deste grupo que foi enviado pra cá como representante legítimo do povo de outros estados, com voto direto e tudo.

Pelo menos é assim que, uns e outros, apresentam Brasília, aos 34 anos, a uma nação que vê a capital como uma espécie de esconderijo privilegiado, onde malfeitores trafegam pelas ruas em carros com placas especiais e motoristas engravatados. Nessa avalanche de suspeitas nem de longe se lembram os detratores de Brasília dos 2 milhões de brasilienses que jamais tiveram no bolso um centavo do orçamento. Pessoas que saem de casa todos os dias para dar duro, trabalhando ou estudando, ocupando-se, enfim, daquelas tarefas anônimas que, embora construam a dignidade do cidadão, não servem de matéria para a primeira página nem do mais humilde jornal do bairro. E abro um parêntese: Brasília não tem só político safado não, meus camaradinhos. Brasília tem gente humilde, tem empresário bem-sucedido, tem funcionários públicos que se orgulham do que fazem. Tem gente honesta, filhos que envaidecem os pais, pais que curtem os filhos e respeitam a família. Tem políticos íntegros.

Mas convencionou-se falar-se mal de Brasília. Era preciso atravessar as paredes grossas do Congresso para procurar, fora dele, mais alguns culpados pelas cenas de roubo explícito flagradas ali. Trataram de classificar o nome de Brasília como sinônimo também de tudo quanto hoje a população condena como prática do que é desonesto. Com tal ira se dedicaram alguns articulistas a essa caça à raposa, que transparece de suas alegações um ranço de desavença pessoal, alguma diferença mal resolvida com a nossa cidade.

E o gozado é que, quem aparece partindo pra essa,

vem com a força do grito que se faz ouvir em todos os cantos e frestas deste nosso Brasil de guerra. Vem com aquela mesma e já conhecida maneira de gritar Shazzan e bum: sair, magicamente, com os poderes de um capeta, aniquilando inimigos, humilhando opositores, corrompendo conceitos sociais, morais, espirituais e, agora, como se mais nada faltasse, destruindo cidades.

Ora, nem a população do Rio de Janeiro é culpada pelo escárnio com que hoje se trata, na Cidade Maravilhosa, conquistas mínimas do cidadão como o direito de ir e vir ao trabalho ou lazer sem o risco de levar um tiro. Nem a população brasiliense é culpada pelo fato de exportarem de todos os estados brasileiros para cá, bandidos diplomados em seus locais de origem. E que, além do mais, desembarcam de jatinhos ou jatos respaldados por diplomas que lhes conferem prerrogativas que não foram concedidas pela população de Brasília.

Se existe uma culpa de Brasília em tudo isso, é a culpa do silêncio. A culpa de ficar parada no meio do ringue, com o queixo à disposição dos que desejariam vê-la no-cauteada. Brasília precisa reagir. Precisa botar a boca no trombone, mostrar que a sua face não é a que pintam com tantos interesses pessoais disfarçados em ódio.

Outra coisa: precisamos descobrir com urgência as verdadeiras razões para este papo ridículo, e sem fundamento, da volta da capital federal para o Rio. Outros interesses podem existir. Até porque está ficando cada vez mais difícil circular por nossa cidade para conchavos e imposições que venham favorecer a quem quer que seja, graças a uma imprensa competente (a grande maioria prata da casa) e suas investigações maravilhosas; graças a manifestações populares de um povo participante, que também sofre com esse perfil político, que desabona o povo brasileiro, imposto por outros estados. Exatamente porque também sonhamos com um Brasil cada vez mais forte, mais justo, imparcial, produtivo e menos imoral.

■ Marcus Vinicius é publicitário